

autor dos "Carvalhos e Roseiras". Uma referência a Sainte-Beuve, crítico predileto de nós ambos, mestre de gosto e clareza que Humberto não se cansava de exaltar em suas palestras, que não me canso de exaltar em minhas palestras. Conjunto bem articulado. Uma crônica, em suma, que, dada a lêr a qualquer leitor de mediana instrução, logo lhe arrancaria este comentário: "E' Humberto puro!".

Fiquei naturalmente aturdido... Depois disso, já muitos dias decorreram e não sei como elucidar o caso. Fenômeno nervoso? Intervenção extra-humana? Faltam-me estudos especializados para concluir. Além do mais, recebi educação católica e sou um entusiasta dos gênios e heróes que tanto prestígio asseguram à religião que produziu um Santo Antônio de Pádua e um Bos-suet. Meu livro "São Francisco de Assis e a Poesia Cristã" aí se encontra, a testemunhar quanto venero a ética e a estética da Igreja. Mas — repito-o com a maior lealdade — a mensagem subscrita por Humberto de Campos profundamente me impressionou....".



## Carta de Gastão Penalva

Para que melhor se possa compreender a mensagem seguinte, transcrevemos, pedindo vénia, a brilhante página literária publicada em 4 de Outubro de 1939, no prestigioso diário *Jornal do Brasil*, pelo festejado escritor que se pseudonomizou — Gastão Penalva:

*A Humberto de Campos — (Onde estiver)*  
Meu irmão.

Passei todo o domingo a relêr tua obra de afeto e de melancolia, enquanto o rádio, posto a falar baixinho, anunciaava os últimos telegramas da guerra.

Então, verifiquei como tua alma sofreria se ainda estivesse cá por baixo, no nosso convívio amigo, e a tua imensa sensibilidade se havia de ferir nos afiados gumes das surpresas diárias, quando, ás primeiras horas da manhã, já se depara o grande mundo sofredor ás voltas com os

seus novos sofrimentos.

Sou, como tu, um torturado espírito que teve a infelicidade de nascer no tempo cruel dos desentendimentos e das ambições fraticidas. Vi, com olhos infantes, uma mudança de regime, ao passo que na minha casa os mais idosos comentavam com lágrimas a desaparição do culto magnânimo em que poderiam ter esperado morrer. Ouvi, de ouvidos que se fizeram para os enlevoes balsamicos da poesia e da musica, o estrondo ameaçador das granadas de 93, naquela jornada de ódios e rivalidades que, tanto tempo, separou duas classes. Então, fugimos da cidade para as caladas bucólicas do Andaraí. Corremos para a nossa chácara, onde, menino, tracei e executei todo um programa de estrepolias terríveis, as falcatruas dos meus oito anos, acolitadas pelo moleque inseparável, o "demônio familiar" do avisado Mace-  
do. De lá, entre as mangueiras acolhedoras do arredado bairro, na pista dos coleiros que vinham buscar o alimento nas armadilhas mascaradas, em troca da própria vida, de lá, ainda escutava o ribombo longinquo que denunciava a entrada á barra do famoso "Aiquidaban", o qual, alguns anos depois, na vida da Marinha, seria o meu primeiro embarque. Na passagem do século, quando esboçavas aquela página tristíssima das tuas desoladas memórias, criança ainda, no fundo de um armazém provinciano, a marcar fardos de toucinho, eu entrei para o Colégio Militar, animado, feliz, sob

os carinhos de todos, e tu, lá longe, no teu Maranhão ilustre, já na luta da vida em que mais tarde te farias um pobre herói vencido.

Em seguida, outras tragédias. Outras revoluções. 1904 traz, quasi ao fechar as portas, o tumulto político que se valeu na imposição da vacina obrigatória. Eu, aspirante de Marinha, fazia, nos alcantis de S. Bento, uma zelosa guarda de frades que me valeu uma semana de tratamento fidalgo. Vi com magua o final da masmorra, ao largar para sempre a penedia conventual que fôra, em éras da Colônia, o primeiro abrigo da minha escola e da minha classe. 1910, no mesmo mês fatídico que os fados escolhiam para mandar revoltas ao Brasil, a Armada se rebela, põe manchas negras no sol da profissão nobilíssima, que decai, se acabrunha, definha, até que auras galernas vêm de novo apoiar as gaveas de retorno.

1914 traz para o mundo a guerra maxima, cujos écos de dôr e maldição só desaparecem ao despontar no proscénio de um panorama mais desolador de rancores desabridos e assaltos clamorosos ao direito dos povos.

Folheio então páginas hediondas. Constatou cenas que escaparam ás outras guerras da história. Surpreendo horrores que jámais vieram á mente dos Attilas antigos, com venenos nos olhos e maldições nas patas dos cavalos.

Já ouviste falar, meu Humberto, ao tempo

em que vivias mortalmente, em guerras sem declaração, invasões sem anúncio, conquistas sem ideal? Nunca. Tiveste notícia de mães desventuradas a cobrir com o próprio corpo os corpinhos dos filhos, enquanto ruge acima o passaro da desgraça? Nunca. Sabias que se formavam legiões de homens e mulheres, os falhados, os párias, os desrididos da vida, sob o rótulo de suicidas de guerra, eleitos para as missões que encerram fatalmente a morte? Já viste coisa mais apavorante, Humberto? Figura, por um momento, esse desfile incrivel de sonambulos humanos, com o coração já sem rumo, e o olhar perdido na salvação de além-túmulo... Credo! Quanta miséria escapou ao Dante para incluir nos seus cíclios eternos!

Pois é o que ainda vemos cá na terra. O que a minha geração, que foi tua, ainda assiste com a alma aflita, imersa em negro dó.

Neste ponto, continuo a revêr na tua obra os conceitos e as imagens em que profligas o próprio homem na sua rota maldita que vai dar num caminho de trevas. Ha um capítulo magistral que intitulas "O rei da criação". Um Gênio, farto do Espaço, decide habitar a Terra. Baixa á extensa planície e logo avista um camponês a puxar um burro pelo cabresto. Trava-se aquela conversação que pontilhas de filosofia e amargura.

*O Gênio:* — Qual foi, de vós, neste planeta, que inventou a guerra?

*O burro:* (indicando o homem com o fochinho): — Foi êle, senhor”.

E após uma lição superior em que realçam as virtudes do animal:

*O Gênio:* — Qual, por ter vida honrada e pura, é o Rei da Creação, e se considera, na terra, a imagem de Deus? (Para o burro) E's tu, não é verdade?

*O burro:* — Não; é êle, senhor”.

Ha uma lenda árabe em que Deus, arquitetando milagres, encontra o Diabo arquitetando maldições, e lhe pergunta, abismado:

— Anjo máo, que fizeste das minas de ouro que acabei de colocar aqui, bem batidas da luz do sol?

— Escondia-as nas entranhas da terra, Senhor. Se o homem as descobrisse, com certeza as transformaria em armas.

Aí está, meu amigo, o que eu te queria contar. Agora, vou continuar a relêr os breviários de amôr e desventura que deixaste entre nós.

Desculpa perturbar-te o sono. E até logo.

GASTÃO PENALVA.

